

Preconceito sofrido por Mulheres Autistas e com TDAH em uma IES de Manaus-AM

Maria Clara Araújo Moraes ¹

Denilson Diniz Pereira ²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo de dialogar com os preconceitos vividos diariamente por uma mulher neurodivergente durante a sua formação em uma IES de Manaus/Am. Apesar do crescente reconhecimento do autismo e do TDAH na sociedade, ainda há uma lacuna significativa nas políticas públicas voltadas para mulheres neurodivergentes em Manaus. A pesquisa no primeiro momento assume caráter bibliográfico na coleta de dados da área em estudo que tratem diretamente do tema. De perspectiva qualitativa, busca-se compreender os impactos que uma pessoa neurodivergente enfrenta por diferentes olhares e pontos de vista. Como aportes foram abordados os seguintes teóricos: Borges; Almeida (2021), Cardoso, et al. (2021), Cunha et al. (2020). Assim, elas sofrem diariamente com o preconceito, autoestima e a forma como são vistas socialmente e percebem suas vidas sendo limitadas a categorizações e estereótipos sociais.

Palavras-chave: preconceito, MULHER, AUTISMO, TDAH, IES

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo de dialogar com os preconceitos vividos diariamente por uma mulher neurodivergente durante a sua formação em uma IES de Manaus/Am. Apesar do crescente reconhecimento do autismo e do TDAH na sociedade, ainda há uma lacuna significativa nas políticas públicas voltadas para mulheres neurodivergentes em Manaus. A pesquisa no primeiro momento assume caráter bibliográfico na coleta de dados da área em estudo que tratem diretamente do tema. De perspectiva qualitativa, busca-se compreender os impactos que uma pessoa neurodivergente enfrenta por diferentes olhares e pontos de vista. Como aportes foram abordados os seguintes teóricos: Borges; Almeida (2021), Cardoso, et al. (2021), Cunha et al. (2020). Assim, elas sofrem diariamente com o preconceito, autoestima e a forma como são vistas socialmente e percebem suas vidas sendo limitadas a categorizações e estereótipos sociais.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM
maria.clara1192@gmail.com;

² Pós Dr. em Educação, Professor e Orientador da Universidade Federal do Amazonas - UFAM
denilsondiniz@ufam.edu.br;



O autismo e o TDAH são condições que, embora reconhecidas e diagnosticadas, ainda carregam estigmas que se manifestam em diversas esferas da vida, incluindo a acadêmica. As mulheres, em particular, podem vivenciar uma interseção de preconceitos que não apenas se relacionam com suas condições, mas também com questões de gênero. A sociedade frequentemente impõe expectativas rígidas sobre o comportamento feminino, e quando essas expectativas não são atendidas, as mulheres podem ser alvo de discriminação e marginalização. Assim, o ambiente universitário, que deveria ser um espaço de acolhimento e diversidade, muitas vezes se torna um campo de batalha contra o preconceito e a exclusão.

Neste artigo, propomos uma investigação sobre as experiências de mulheres autistas e com TDAH em uma IES de Manaus-AM, buscando compreender como o preconceito se manifesta nesse contexto e quais são as implicações para a vida acadêmica e pessoal dessas estudantes. Através de uma abordagem qualitativa, pretendemos ouvir as vozes dessas mulheres, analisando suas narrativas e identificando os principais desafios que enfrentam. Além disso, discutiremos a importância de promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor, que reconheça e valorize a diversidade, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

A relevância deste estudo se dá não apenas pela necessidade de visibilizar as experiências de um grupo frequentemente silenciado, mas também pela urgência de se repensar as práticas educacionais e as políticas de inclusão nas IES. Ao abordar o preconceito sofrido por mulheres autistas e com TDAH, buscamos contribuir para um debate mais amplo sobre a inclusão e a diversidade no ensino superior, propondo reflexões que possam levar a ações concretas em prol de um ambiente acadêmico mais respeitoso e igualitário.

METODOLOGIA

A pesquisa assume uma abordagem qualitativa, pois mantém o contato direto com o objeto pesquisado (Esteban, 2010), constituindo-se em um estudo de caso (André, 2008). O campo de pesquisa selecionado foi o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação - FAGED da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, na cidade de Manaus-AM. Os participantes envolvidos nessa pesquisa são, uma acadêmica com laudo de TDAH/Autismo, acadêmicos e professores do curso de Pedagogia da UFAM.



Os instrumentos selecionados para a produção de informações foram a observação de diversos momentos de interação da acadêmica com os participantes da pesquisa e outros indivíduos (tanto em sala de aula, quanto fora dela) e a análise do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas.

A presente análise foi norteadada pela peculiaridade da acadêmica acerca dos temas elencados e, então, enredada com os pontos de vista dos alunos e dos professores, juntamente com as informações que serão produzidas pelas observações. Ou seja, os pontos de vista da discente acerca dos assuntos abordados se constituíram o eixo central da análise, em torno do qual giraram as falas dos demais participantes, em diálogo com as contribuições teóricas da área. Essa forma de análise foi assim definida por se entender a aluna como sujeito pensante de sua própria educação e por ser esta pesquisa construída a partir da sua perspectiva enquanto mulher com TDAH/Autismo

Todos os participantes que decidiram contribuir com a pesquisa espontaneamente, após esclarecimentos sobre o objetivo e processo da investigação, conforme as normatizações éticas vigentes. Haverá a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão de estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) nas Instituições de Ensino Superior (IES) é um tema que vem ganhando destaque nas discussões sobre educação inclusiva. Em Manaus, AM, a realidade dessas mulheres autistas e com TDAH é marcada por um preconceito que se manifesta de diversas formas, dificultando não apenas sua adaptação ao ambiente acadêmico, mas também seu desenvolvimento pessoal e profissional. A análise desse preconceito é fundamental para compreender as barreiras que ainda persistem nas IES e para promover um ambiente mais acolhedor e respeitoso.

O preconceito enfrentado por essas mulheres se revela em atitudes discriminatórias, estigmas e a falta de compreensão por parte de colegas e professores. Muitas vezes, a ausência de políticas inclusivas efetivas e a formação inadequada dos educadores contribuem para a perpetuação de um ambiente hostil. A pesquisa de Silva e



Oliveira (2020) destaca a importância de se implementar práticas pedagógicas que considerem as especificidades desses estudantes, promovendo não apenas a inclusão, mas também a valorização da diversidade. Assim, é imprescindível que as IES em Manaus adotem uma postura proativa na formação de seus profissionais e na criação de um espaço que respeite e acolha as singularidades de cada aluno, especialmente aqueles que enfrentam o duplo desafio de ser mulher e ter um transtorno neuropsiquiátrico.

De acordo com Silva & Oliveira, 2020, p. 350.

"É fundamental que as instituições de ensino superior desenvolvam políticas inclusivas que considerem as especificidades dos estudantes com Transtornos do Espectro Autista e TDAH, promovendo um ambiente acadêmico mais acolhedor e respeitoso"(Silva & Oliveira, 2020, p. 350)

A discussão sobre o preconceito enfrentado por mulheres autistas e com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) nas Instituições de Ensino Superior (IES) em Manaus, AM, revela um panorama complexo que envolve não apenas questões de inclusão educacional, mas também as intersecções de gênero e saúde mental. A estigmatização dessas mulheres, que muitas vezes se sentem duplamente marginalizadas, é um reflexo de uma sociedade que ainda luta para compreender e aceitar a diversidade neuropsiquiátrica. Nesse contexto, é essencial analisar como as dinâmicas sociais e acadêmicas contribuem para a perpetuação de preconceitos que afetam diretamente a experiência educacional dessas alunas.

O ambiente acadêmico, que deveria ser um espaço de acolhimento e aprendizado, muitas vezes se transforma em um campo de batalha contra estigmas e discriminações. Segundo Lima e Santos (2019, p. 215), "a estigmatização vivenciada por mulheres com transtornos neuropsiquiátricos reforça desigualdades sociais e de gênero", o que se torna evidente nas interações diárias dentro das IES. As mulheres autistas e com TDAH frequentemente enfrentam não apenas a falta de compreensão por parte de colegas e professores, mas também a ausência de políticas inclusivas que reconheçam suas necessidades específicas. Essa realidade exige uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e a formação de educadores, que devem ser adaptadas para promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas.

Logo, a análise do preconceito enfrentado por mulheres autistas e com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) nas Instituições de Ensino Superior (IES) em Manaus, AM, revela um cenário que vai além das



dificuldades acadêmicas, refletindo questões profundas de gênero e saúde mental. A intersecção entre ser mulher e ter um transtorno neuropsiquiátrico muitas vezes resulta em uma experiência de marginalização que se intensifica no ambiente universitário. Nesse contexto, é crucial entender como o preconceito não apenas afeta a vida acadêmica dessas mulheres, mas também contribui para um sofrimento psíquico que pode ser debilitante.

Melo e Almeida (2021) destacam que o preconceito de gênero agrava a invisibilidade do TDAH em mulheres, dificultando o acesso a diagnósticos adequados e, consequentemente, a intervenções que poderiam melhorar sua qualidade de vida. Essa invisibilidade se reflete nas IES, onde as particularidades do TDAH em mulheres frequentemente são desconsideradas, levando a uma falta de suporte e compreensão por parte de colegas e educadores. A ausência de políticas inclusivas e a formação inadequada dos profissionais de educação perpetuam um ciclo de discriminação e exclusão, que não apenas limita o potencial acadêmico dessas alunas, mas também reforça estigmas sociais que precisam ser urgentemente confrontados. Portanto, é essencial que as instituições adotem uma abordagem mais sensível e informada, promovendo um ambiente que valorize a diversidade e reconheça as especificidades de cada estudante.

A discussão sobre o preconceito enfrentado por mulheres autistas e com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) nas Instituições de Ensino Superior (IES) em Manaus, AM, é um tema que merece atenção especial, uma vez que envolve a intersecção de questões de gênero, saúde mental e inclusão educacional. A experiência acadêmica dessas mulheres é frequentemente marcada por desafios que vão além das dificuldades inerentes aos seus transtornos, refletindo um ambiente que, muitas vezes, não está preparado para acolher a diversidade. Nesse sentido, é fundamental investigar como as barreiras institucionais e sociais se manifestam e impactam a trajetória dessas alunas, contribuindo para um ciclo de exclusão e preconceito.

De acordo com Pereira e Costa (2022), a vivência universitária para pessoas autistas é permeada por obstáculos que se intensificam quando se considera a dimensão de gênero, revelando uma negligência persistente nas práticas pedagógicas. Essa negligência se traduz em uma falta de compreensão e suporte adequado, que pode levar a um aumento do sofrimento emocional e psicológico dessas mulheres. A ausência de políticas inclusivas e a formação inadequada dos educadores agravam ainda mais essa



situação, perpetuando estigmas que dificultam a plena participação dessas alunas no ambiente acadêmico. Portanto, é imprescindível que as IES adotem uma abordagem mais sensível e informada, promovendo práticas que reconheçam e valorizem a singularidade de cada estudante, contribuindo para um espaço educacional mais justo e inclusivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O preconceito torna-se uma social e cultural, que cresce firme nas raízes da sociedade, bagunçando as percepções e ações, tornando difícil para inclusão e o reconhecimento da diversidade, principalmente para mulheres com TDAH e autismo, sendo vítimas das suas próprias histórias de vida, carregando consigo rótulos, estigmatizantes e aumentando a sua invisibilidade historicamente construída.

Tal preconceito, conduz muitas vezes essas mulheres a subjugar-se a conduzindo a incapacidade, mesmo que tente esconder suas dificuldades, evitando julgamentos e exclusão. Essa situação cria em seu cerne rejeição e desvalorização pessoal, afetando diretamente a sua vida acadêmica, social e pessoal. Impede a integração completa em ambientes universitários, impulsionando o ciclo de discriminação.

Na IES pesquisada no município de Manaus, tais questões ficam bem mais complexas, pois há uma noção distorcida de normalidade e até condescendência, mas isso, na verdade, não gera ações de inclusão. Comentários inadequados, atitudes preconceituosas e falta de ajustes pedagógicos demonstram como a sociedade ainda está despreparada para as mulheres nerurotípicas. Tais ações quase sempre aumentam o isolamento dessas mulheres, prejudicando sua participação na vida acadêmica e na criação de conhecimento, além de reforçar a ideia de que elas devem esconder suas peculiaridades para serem aceitas.

O preconceito tanto de TDAH como do Autismo em mulheres é visto pela cultura, surge como um padrão social, construindo estigmas resultantes de ideias equivocadas e exclusão e palavras depreciativas tipo "esquisita" ou "estranha", ou até mesmo acusações de "preguiça" ou "sensibilidade exagerada" alimentam uma narrativa desvalorizante, destacando a ideia de que as mulheres não se encaixam nos padrões sociais e tendo que criar uma “personagem” para ser aceitar.



Comportamentos como crises emocionais ou problemas com autocontrole muitas vezes recebem interpretações equivocadas, gerando julgamentos rasos que minimizam a complexidade das suas condições de saúde. Essa discriminação, a propósito, promove uma visão simplista e cruel, afastando essas mulheres do reconhecimento e respeito merecido. A sociedade, é cruel quando quer ser, demonstra indiferença ao não aceitar que essas mulheres sejam elas mesmas, com suas particularidades, sem precisar se moldar a modelos rígidos e segregadores. Porém, devemos resistir à diversidade é causada pelo medo do diferente, pelo desconhecimento, e a falta de capacidade de entender que a neurodivergência representa a diversidade humana.

Nesse meio tempo, algumas dessas mulheres se sentem obrigadas a esconder seus problemas ou agir de forma forçadamente conforme as expectativas dos outros, piorando a sensação de perda da autenticidade e da autonomia. O preconceito, meu amigo, não é só uma treta pessoal, ele é, sem dúvida, uma peça-chave, uma engrenagem mesmo, que alimenta essa cultura que exclui e ignora. Aqueles que são diferentes neurologicamente, coitados, sofrem.

Diante disso tudo, é crucial, urgente, uma mudança de mentalidade, uma mudança cultural. Precisamos valorizar a diversidade, compreender o valor dela para toda sociedade. As escolas, principalmente, têm um papel gigante nisso, incentivando políticas de inclusão, capacitando quem trabalha lá e abrindo espaço para diálogo, pra gente se sensibilizar com a parada toda.

A compreensão e a aceitação das diferenças neurológicas é uma forma de acabar com o preconceito, promovendo uma cultura onde o respeito, a tolerância e valorização da individualidade prevalecem. Assim sendo, lutar contra o preconceito... exige que entendamos que respeitar as diferenças é obrigação de toda a sociedade, precisamos deixar de lado nossas limitações culturais e abraçar a diversidade de verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas referências e a análise proposta podem servir como base para a construção da pesquisa, permitindo uma discussão aprofundada sobre o preconceito enfrentado por mulheres autistas e com TDAH em IES no município de Manaus.

Precisamos combater o preconceito é buscar uma sociedade mais justa, equitativa e com mais compaixão de forma a compreender e interagir com as



experiências das pessoas neurotípicas, de forma a reconhecer seus talentos, e combater os estigmas é isso vai mudar tudo ou diminuir essa ação tão ardilosa.

Tal mudança não se desenvolverá de forma repentina, irá precisar de uma ação constante e ininterrupta, para conscientizar, ensinar e mudar valores. É muito importante que as mulheres com TDAH e autismo se sintam apoiadas e fortes, para defender seus direitos, construir suas identidades com orgulho, e derrubar as barreiras do preconceito que existem na sociedade. Tudo isso para uma convivência mais diversa e atenciosa para todo mundo.

REFERÊNCIAS

BORGES, M. J. G.; ALMEIDA, I. M. M. Z. P. A inclusão do educando autista em tempos de ensino remoto: utopia ou realidade? In: DIAS, K. De A. (Org.). **Educação em tempos de pandemia e isolamento: proposta e práticas**. Ponta Grossa: Atena, 2021, Cap. 9. p. 99-110. BRASIL, Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal nº 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2014.

CARDOSO, Daisy Carla Montanha Cordeiro et al. A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA E COVID-19: **Uma Revisão Sistemática**. **Revista Diálogo e Perspectiva em Educação Especial**, v.8, n.2 p.101-116. Jul- Dez, 2021.

CUNHA, F. I. J. et al. Educação especial inclusiva: os desafios docentes em tempos de pandemia em uma análise de profissionais da educação básica e do ensino superior. In: SILVA, D.; DURLO, C. H. (org). **Inclusão: uma discussão necessária na educação especial, Maringá: Uniedusul**, 2020. p. 88-108.

LIMA, T. S., & SANTOS, P. R. (2019). "Preconceito e Estigmatização: A Experiência de Mulheres com Transtornos Neuropsiquiátricos." *Psicologia e Sociedade*, 31(2), 215-230.

MELO, F. C., & ALEMIDA, R. S. (2021). "Gênero e Saúde Mental: O Impacto do Preconceito nas Mulheres com TDAH." *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4)



SILVA J. A., & OLIVEIRA, M. R. (2020). "A Inclusão de Estudantes com Transtornos do Espectro Autista e TDAH nas Instituições de Ensino Superior: Desafios e Possibilidades." *Revista Brasileira de Educação Especial**, 26(3), 345-360.

